



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

INDICAÇÃO Nº 072/2018

Indicamos à Mesa da Câmara, depois de observadas as formalidades regimentais de praxe, para que seja oficiado ao Senhor Prefeito Municipal, solicitando os seus bons préstimos, no sentido de Sua Excelência determinar à Secretaria Municipal competente, **para que sejam suprimidos alguns cargos em comissão, no mínimo em número suficiente para que seja criada a SECRETARIA MUNICIPAL DE MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE, para trabalhar na melhoria da qualidade de vida dos mais de 1.300 portadores de deficiência e cerca de 9.500 pessoas com mais de 60 anos de nosso Município.**

JUSTIFICATIVA

Foi realizada nesta Casa de Leis, no dia 09 de novembro de 2017, reunião para discussão de providências na melhoria das condições da mobilidade e acessibilidade urbana no Município de Jaguariúna, em atenção às solicitações que constantemente os vereadores recebem para a aplicação da legislação pertinente, dentre elas a Lei Complementar nº 134/2017 (Código de Posturas) e a Lei Complementar nº 270/2015 (Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Jaguariúna), que foi conduzida pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação, e Parcelamento do Solo, conforme cópia da ata em anexo.

Para levar adiante as reivindicações apresentadas na reunião mencionada, foi realizada no dia 26 de fevereiro corrente, audiência com o Senhor Prefeito Municipal, Márcio Gustavo Bernardes Reis, que contou com a participação de vereadores, do Presidente do CONSEG, de representantes da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Jaguariúna, de representantes dos portadores de deficiência, de Secretários Municipais e Diretores de Departamento da Prefeitura.

Ao final, houve a concordância de que seria importante a criação da Secretaria Municipal de Mobilidade e Acessibilidade, para procurar melhorar o atendimento e a qualidade de vida dos portadores de deficiência e idosos, como também, para facilitar a busca de recursos para esta área em outras esferas de governo.



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

INDICAÇÃO Nº 072/2018

Para a mudança da Organização da Estrutura Administrativa da Prefeitura Municipal, existe a necessidade de encaminhamento de projeto de lei do Executivo e aprovação pelo Legislativo, o poderá contar com o nosso apoio, mas estendemos que devem ser suprimidos alguns cargos em comissão, no mínimo em número suficiente para fazer frente às despesas do cargo de Secretário, para conduzir a Secretaria Municipal que se pretende criar.

Câmara Municipal de Jaguariúna, em 07 de março de 2018.

Ass.) VEREADOR DAVI HILÁRIO NETO

VEREADOR LUIZ CARLOS DE CAMPOS

Cópia conforme o original apresentado esta Edilidade, em Sessão Ordinária de 13 de março corrente.

Câmara Municipal de Jaguariúna, 14 de março de 2018.

VEREADOR ROMILSON NASCIMENTO SILVA
Presidente



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Ata da reunião realizada pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação, e Parcelamento do Solo, acontecida no dia nove de novembro de dois e dezessete, às dezoito horas e trinta minutos, na Sala das Sessões “Vereador Reynaldo Chiavegato” da Câmara Municipal de Jaguariúna, localizada no Edifício Municipal Dr. Sebastião Paes de Almeida, nesta Cidade, atendendo o solicitado na Indicação nº 318/2017 Do Sr. David Hilário Neto e Luiz Carlos de Campos, solicitando à Mesa da Câmara realização de uma reunião a ser conduzida pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, para providências quanto à melhoria da mobilidade urbana em nossa cidade, indicação esta apresentada em 15 de setembro de 2017 e aprovada por unanimidade de votos em Sessão Ordinária de 26 de setembro de 2017. Presidente Sr. Romilson Nascimento Silva. Vice-Presidente Sr. Afonso Lopes da Silva. Secretárias Sras. Cássia Murer Montagner e Inalda Lúcio de Barros Santana. Presentes os Srs. Vereadores: David Hilário Neto, José Muniz, Luiz Carlos de Campos, Rodrigo da Silva Blanco, Romilson Nascimento Silva, e Walter Luís Tozzi de Camargo. Deixaram de comparecer os Srs. Afonso Lopes da Silva, Alfredo Chiavegato Neto, Ângelo Roberto Torres, Cássia Murer Montagner, Cristiano José Cecon, Inalda Lúcio de Barros Santana, e Taís Camellini Esteves. Presente também, os Srs. Secretário Municipal de Planejamento: Rômulo Augusto Vigatto, Caio Duarte Baccarelli de Campos Souza, Sr. José Benatti, representando o Conselho Municipal do Idoso; a Sra. Adriana Testa representando a Secretaria de Governo, Pedro Eduardo Marchesini e Daiane Cavasotti, representando a Associação de Engenheiro, Arquitetos e Agrônomos; Leonardo Mateus, Presidente da APEDEJA, Associação das Pessoas com Deficiência de Jaguariúna; Leandro Almeida Leite, da ASUJAG, Associação dos Surdes de Jaguariúna; Luciana Moreira Siste, representando a Secretaria da Educação; Secretário Municipal de Segurança Pública, Renato José de Almeida, e o Presidente do CONSEG, Marcos Cesar Viotto, entre outros cidadãos presentes. O Sr. Presidente da Câmara Municipal, Romilson Nascimento Silva iniciou a reunião cumprimentando a todos e dizendo que aquela reunião tinha um intuito e seria conduzida pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, voltada à providências, confirmou com o Magrão, sobre melhorias na mobilidade urbana da cidade; a seguir, passou os trabalhos da reunião para o Presidente da Comissão, o Vereador Magrão (Rodrigo da Silva Blanco), o Vice Presidente, o Vereador Cecon, não estava presente naquele momento, e o Secretário, o Vereador José Muniz, e desejou bom trabalho a todos; o Sr. Presidente da Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, Rodrigo da Silva Blanco, cumprimentou a todos, dizendo que ele como Presidente da Comissão de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, acatou uma indicação



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

vindo dos Vereadores David Hilário Neto e Luiz Carlos de Campos, juntamente com o Secretário da Comissão de Meio Ambiente, Uso e Ocupação do Solo, Zé Muniz, e disse de começar lendo a Indicação que já tinha passado na pauta de sessões anteriores, e fez a leitura: “Indico à Mesa da Câmara, depois de observadas as formalidades regimentais de praxe e ouvido o plenário, nos termos dos artigos 218 e 219, da Resolução nº 060/1991 (Regimento Interno), no sentido de se realizar nesta Casa de Leis, reunião a ser conduzida pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, com a participação de representantes da Prefeitura Municipal, da Associação Comercial, da Associação dos Engenheiros e Arquitetos, do CONSEG e de outras entidades, no sentido de que sejam discutidas providências para melhorar a mobilidade urbana em nossa cidade, em observância à Lei Complementar Municipal nº 270, de 29 de abril de 2015, que dispõe sobre o Plano Municipal de Mobilidade Urbana de Jaguariúna e dá outras providências. Justificativa: São várias e frequentes as reclamações feitas em relação aos problemas relacionados à mobilidade urbana em nossa cidade, sejam pela falta de calçamento em muitos terrenos, árvores e lixeiras colocadas no meio da calçada, danificadas ou com degraus e a utilização de forma indevida, como estacionamento de veículos, que dificultam ou impossibilitam a passagem dos pedestres, principalmente para idosos, deficientes físicos e visuais. As normas que disciplinam a construção e a utilização de calçada já existem, mas precisam ser colocadas em prática, principalmente antes que sejam construídas. Quanto aos problemas elencados em relação às já existentes, acredito que seria importante a realização de campanhas educativas e um planejamento para a solução de forma gradativa, a começar pelas ruas e avenidas de maior movimento de veículos e pedestres. Acredito, também, que a reunião proposta poderá ser o início da solução deste problema, que infelizmente não é exclusivo de nossa cidade, mas que se resolvido poderá se tornar um exemplo a ser seguido por outros municípios e ainda ajudar a melhorar o índice de qualidade de vida de Jaguariúna. Câmara Municipal de Jaguariúna, aos 15 de setembro de 2017. Vereador David Hilário Neto e Vereador Luiz Carlos De Campos”. Depois de ter feito a leitura, o Sr. Presidente da Comissão, primeiramente, agradeceu à Indicação feita a sua Comissão, do Vereador David, do Vereador Bozó, e agradeceu a presença do Vereador Waltinho que estava ali pra reforçar para eles terem mais peso e mais musculatura nessa reunião para eles atingirem o objetivo desejado; disse do Vereador Romilson, Presidente da Casa, também ali presente, e agradeceu a presença de algumas pessoas indicadas do Governo e algumas entidades: Secretário Municipal de Planejamento: Rômulo Augusto Vigatto, agradeceu-o pela presença; Caio Baccarelli, o agradeceu pela presença; Conselho Municipal do Idoso, Sr. José Benatti, o agradeceu pela presença; representando a Secretaria de Governo, a



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Adriana Testa; a Associação de Engenheiro, Arquitetos e Agrônomos, Pedro Eduardo Marchesini, Daiane Cavasotti, agradeceu pela presença; Leonardo Mateus, Presidente da APEDEJA, Associação das Pessoas com Deficiência de Jaguariúna, agradeceu pela presença; Leandro Almeida Leite, da ASUJAG, Associação dos Surdes de Jaguariúna, e agradeceu pela presença; Luciana Moreira Siste, representando a Secretaria da Educação, agradeceu pela presença; Secretário Municipal de Segurança Pública, Renato José de Almeida, Sargento Renato, o agradeceu pela presença; o Presidente do CONSEG, Marcos Cesar Viotto, e agradeceu pela presença; disse que ia dar andamento àquela reunião, esperava que o intuito fosse produtivo, os microfones iriam ficar nas cabeceiras ao redor das mesas, o pedido da palavra iria ser por ordem de colocação, de chegada, e que eles poderiam, e que eles mesmos, Vereadores, já podiam ir colocando, quem erguesse a mão, iam deixando na frente; disse que naquele dia estava mais tranquilo, o Plenário não estava cheio, capaz de não precisar nem disso, teria ordem, disse de irem ao assunto que interessava, e desejou boa reunião a todos; pela ordem, pediu a palavra o Sr. Luiz Carlos de Campos, mas antes o Sr. Presidente da Comissão disse de registrar ali que o Professor Eduardo que não pôde estar presente, um imprevisto de última hora, mas mesmo assim ele estava torcendo para aquela reunião ser produtiva; continuando a palavra ao Sr. Luiz Carlos de Campos, ele agradeceu, primeiramente, a presença de todos, e como foi posto na indicação, ele esperava que aquela fosse uma reunião que começasse a melhorar esse sentido da mobilidade urbana no Município, como foi posto ali, também, não era exclusivo de Jaguariúna, e, infelizmente, eles viam aí a maioria dos municípios com os mesmos problemas que passavam ali em Jaguariúna e que eles vinham recebendo reclamação, enquanto Vereadores, nesse sentido; disse achar que aquela reunião iria trazer frutos produtivos, por isso que eles convidaram o pessoal da Prefeitura; disse que a legislação já existia, tinha o Código de Posturas do Município, tinha a lei de mobilidade urbana, e naquele ano eles tinham aprovado mais uma lei que possibilitou Jaguariúna a ter o “Selo Verde”, mas que isto estava precisando colocar em prática; disse que estava conversando com a Associação de Engenheiros havia pouco, às vezes, o pessoal construía a sua casa, e depois fazia a calçada de qualquer maneira, e dificultava para que as pessoas pudessem se locomover; disse que esperava ser produtivo e, a partir daquele momento, comessem a mudar a cidade (houve uma interferência na sala devido à chegada de alguém), e que a Cidade comesse a mudar nesse sentido, a partir daquela reunião, eles esperavam, porque como ele disse a legislação já existia, o Silva também tinha apresentado um projeto de lei nesse sentido, em relação à calçada, que deveria estar sendo votado na próxima sessão ordinária, confirmou com o Waltinho, e que ele gostaria de estar ouvindo a quem mais interessava, como o Pedrinho



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tinha falado, porque ele, Luiz, estava perto dos sessenta anos, e que iam chegando a uma certa idade, a locomoção ia ficando mais difícil e que achava que precisava ser feito algo para melhorar a cidade, e que a intenção da reunião era essa, e agradeceu; disse que se alguém da Prefeitura quisesse falar, e que eles sabiam que o Caio era servidor da Prefeitura, confirmou com ele, e que era um cadeirante e que devia enfrentar, sem dúvida, disse ao Caio, esses problemas de locomoção na cidade; a seguir, usou a palavra o Sr. Caio Duarte Baccarelli de Campos Souza que disse que tinha uma deficiência física sim, ele era cadeirante já há mais de vinte anos, e que esse problema da mobilidade era um problema que não só Jaguariúna enfrentava, mas todas as cidades enfrentavam, principalmente, as cidades que tinham uma ocupação urbana um pouco mais antiga, e que dizia um pouco mais antiga que era a ocupação urbana da década de cinquenta, da década de sessenta, e que se refletiu, poderia dizer, até os anos noventa, e que não se falava em mobilidade, se falava muito pouco em acessibilidade; disse que as normatizações que tiveram até os anos oitenta, se limitavam, as normatizações, mesmo as da ABNT, que regiam as construções, elas se limitavam a poucas normas, algumas normas da EMBRATUR, a uma norma muito precária da Associação de Normas Técnicas, que, por outro lado, também, uma que eles tinham uma normatização que era deficitária e por um outro lado, ela não era divulgada para os profissionais, para os prefeitos, para os planejadores das cidades, e que, a urbanização acontecia de uma forma muito desordenada; disse que a partir dos anos noventa e começo dos anos dois mil que essa legislação, essa normatização, ela começou a ficar um pouco mais elaborada e, por outro lado, também, a consciência dos profissionais e dos planejadores, começou a ficar um pouco mais abrangente; disse que achava que o Ministério das Cidades foi criado no ano de dois mil e dois, e o Estatuto das Cidades, oficialmente, foi uma das primeiras legislações, um dos primeiros instrumentos, que começou a abordar a questão da mobilidade e da acessibilidade com um pouco mais de seriedade, de formalização, às vezes, já existiam, mas não eram colocadas em prática, assim como viam, e que isso foi uma coisa que aconteceu, essa colocação das leis que já existiam em prática, e ela foi acontecendo de forma gradativa, para chegar na situação que eles tinham hoje, que, realmente, era muito aquém, da situação ideal, podiam dizer assim; comentou que, como ele já tinha dito, ele era cadeirante havia vinte anos, e que essa situação, ela era muito pior há vinte anos atrás; disse que ele via, que ela tinha mudado da água para o vinho o espaço urbano, ele estava aquém, realmente, muito aquém, de uma situação ideal, mas ele era muito melhor do que ele era há vinte anos atrás; disse que houve melhorias, e que essas melhorias continuavam acontecendo de uma forma um pouco mais veloz, com um pouco mais de rapidez, mas ainda com alguns problemas, que eram esses que eles estavam elencando, um deles era a questão



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

das calçadas, mas ele ia um pouco mais longe, tinha as questões do transporte coletivo, tinha as questões do estacionamento, da acessibilidade aos edifícios, não só aos edifícios públicos, como os edifícios particulares; disse que foram ações que eles da Secretaria de Planejamento que, de fato, foram implementando ao longo dos últimos dez anos, e que ele tinha dez anos de Prefeitura, e quando ele entrou na Prefeitura, isso era uma coisa que estava começando a caminhar e foi muito difícil para eles chegarem na situação que eles tinham no hoje, que era ter uma lei de mobilidade, ter um Código de Posturas que falasse de calçadas, de ter leis esparsas, de ter Vereadores preocupados com a confecção, com a elaboração de leis que garantissem com mais plenitude essa acessibilidade; disse que até então, isso não acontecia e que no hoje se tinha mais clarezas desses assuntos, eram assuntos que eram mais conversados, que a mídia, a imprensa colocavam isso de uma forma mais aberta, coisa que não acontecia há dez, vinte anos atrás, mesmo assim, era muito difícil para eles estarem trabalhando isso, muitas vezes até por um entrave das próprias pessoas que eram usuárias dessas calçadas, e deu um exemplo que era bem simples: a calçada pertencia à cidade, no entanto, era facultado ao proprietário do imóvel que tinha a testada nessa calçadas, a confecção dessa calçada, e ele entendia que ele podia fazer de qualquer forma, então, ele podia por grama, entre outras coisas, mas essa pessoa não estava vendo “Puxa! Mas alguém vai conseguir passar aqui?” Disse que era muito comum de uma casa para outra terem aquele dente na calçada, porque uma pessoa se preocupou em fazer a casa dela no nível, e a outra abaixou o nível totalmente da casa dela e criou um dente, a pessoa não entendia que iria ter um idoso, que iria ter um cadeirante, que iria ter uma senhora com carrinho de bebê, que iria ter que transitar nessa calçada; disse que ainda existia um fator de conscientização das pessoas que era muito difícil deles superarem; deu um exemplo dizendo que eles já tinham no Código, e que iria dar um outro exemplo, e que se ele começasse a divagar muito, era para eles pedirem para ele voltar, e que ele iria dar um outro exemplo que foram eles que implantaram na Secretaria de Planejamento; disse que até dois mil e dez não era cobrado a acessibilidade nos edifícios, e que a pessoa ia lá, ela queria aprovar um comércio, ela queria aprovar um serviço, e apesar deles terem no Código de Obras, o artigo cinco que as edificações tinham que respeitar a norma noventa, cinquenta da ABNT que regia a parte de acessibilidade, de pessoas com deficiências, isso não era cobrado, e quando eles começaram a cobrar, dizendo: “Olha, você aqui não pode ter uma escada, você tem que ter uma rampa. Você vai ter dois andares, então você vai ter um elevador, vai ter que ter um elevador.” Disse que isso causou muito descontentamento por parte das próprias pessoas que estavam fazendo esses prédios, mas que a pessoa podia dizer: “Espera aí, eu não recebo nenhum cadeirante. _ É você não recebe,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

mas pode receber! _ Ah, mas eu não preciso que ele suba! _ Mas, espera aí, era uma clínica, você não vai ter um consultório lá em cima? – Ah, eu vou! – E se eu quiser vir aqui na clínica e usar o andar de cima, o que eu vou fazer? – Ah, daí eu vou te atender lá embaixo!” Disse que a justificativa sempre existia, ainda hoje ela existia, e que era muito difícil para eles, a lei, ela existia, mas na hora de cobrar, na hora de fiscalizar, criava-se um entrave muito grande, e que achava que os Vereadores, normalmente, eles recebiam essas críticas: “Olha! Poxa! Estão me cobrando que eu tenha um elevador na minha loja, mas eu não tenho condições de ter um elevador! _ Então, talvez, você tenha que rever o seu projeto.” Disse que era muito difícil para eles fazerem esse tipo de cobrança, da mesma forma que era muito difícil para eles, para a Prefeitura como um órgão, ela fiscalizar; disse que não sabia se ele estava se estendendo, se ele estava saindo um pouco do tema, mas ele estava colocando um pouco da questão histórica, de como era muito mais difícil, e como isso ficou muito mais, e que não era uma situação ideal, mas ficou muito mais fácil hoje, e dos vários entraves que eles, como Secretaria de Planejamento, encararam ao longo desse percurso, de tentar criar uma mobilidade mais, poderiam dizer, mais perene, uma mobilidade de fato, uma preocupação com a acessibilidade e os entraves que eles encontravam todos os dias; a seguir, usou a palavra o Sr. David Hilário Neto que cumprimentou a todos, dizendo que queria agradecer a presença de todos na Casa e que era muito importante ver essa união, que há anos atrás era, também, difícil conseguir achar as pessoas interessadas com tudo isso e o Poder Público, também, envolvido da forma que estava; disse que quando eles falavam a respeito de calçamento, perguntou se no hoje era obrigatório o calçamento, e confirmou que era obrigatório; disse que uma ignorância até dele, e se era possível, colocar numa lei, por exemplo, a cidade de Jaguariúna já tinha cinquenta mil habitantes, mas viam que era um crescimento que não iria parar, e uma previsão de população muito maior dali alguns anos; perguntou se existia a possibilidade de se criar uma lei onde o próprio loteador já tinha que fazer esse calçamento padronizado, onde ele entregava um lote com a calçada pronta? Disse que achava que isso já facilitaria muito, porque no momento em que se vendia um terreno, muitas pessoas queriam construir, muitas pessoas estavam com especulação, mas no momento em que já tinha a calçada, a via que era pública já estaria pronta para receber qualquer pessoa naquele momento, e perguntou se isso era viável, se possível? O Sr. Caio Duarte Baccarelli de Campos Souza respondeu que era viável, sim, e que até há alguns anos atrás, não era cobrado, inclusive, a rampa de acessibilidade nas esquinas, e que no hoje, eles já tinham essa cobrança da rampa de acessibilidade, já existia uma fiscalização, como ele disse, um pouco mais efetiva, nos novos loteamentos, e que ele achava que era pertinente, sim, eles terem uma lei de calçada, onde eles obrigassem o loteador a fazer,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

a já entregar o loteamento com o calçamento pronto e que achava que isso era possível, e paralelo a isso, ele achava que também seria conveniente uma campanha de conscientização dos próprios moradores; e apartou o Sr. David Hilário Neto, dizendo que desde a escola, e o Sr. Caio confirmou que desde a escola, não só no sentido da calçada, mas no sentido de outras ações de mobilidade e de acessibilidade que deviam ser observadas, no hoje; o Sr. David Hilário Neto disse que a reunião daquele dia, iria servir muito para todo mundo se conhecer, e tinha que ter muitas reuniões dessas para se conseguir, realmente, algo efetivo, mas, inclusive, eles poderiam pautar até onde já existia, partir do centro para as extremidades, e os novos loteamentos já com leis que previam essa acessibilidade; o Sr. Caio Baccarelli disse era muito fácil no hoje, e que era um pouco do que eles estavam conversando antes deles entrarem, e que era muito mais fácil, hoje, eles trabalharem com o que iria ser feito, do que eles recuperarem o que já tinha sido feito, e que muitas vezes essa recuperação era onerosa, e as soluções de acessibilidade, de mobilidade, elas eram mais difíceis de se chegar a um consenso; disse que partindo do primeiro questionamento do Vereador, sim, achava que era possível eles elaborarem uma lei, elaborar uma normatização para que loteamentos novos já saíssem com uma preocupação com relação não só à acessibilidade das calçadas, mas com relação à mobilidade; eles já terem pontuado, por exemplo: "Olha, vai fazer um loteamento novo? Tá. Aqui iria ter o lugar que iria ter o ponto de ônibus, já ter a ciclovia, já ter uma avenida, que comporte, já ter uma situação. Olha, essa parte vai ser comercial, e vão ter que trabalhar uma via, uma rua um pouco mais larga." Disse que eles já teriam que trabalhar leis, inclusive eles iriam ter a revisão do Plano Diretor, mais para frente, achava que no começo do ano, ou final daquele ano, revisão de Plano Diretor, revisão de Lei de Parcelamento, revisão de Código de Obras, e que ele achava que era naquele momento, nessas audiências públicas que eles tinham que colocar essas necessidades que eles tinham no hoje de ter um sistema de mobilidade, um sistema de transporte, um sistema que contemplasse mais todas essas, poderiam dizer, novas, mas não eram novas, novas normatizações de mobilidade, de acessibilidade, com relação a calçamento, com relação a transporte coletivo, com relação até à largura de vias, porque se hoje, fossem pegar uma via de catorze metros, que eles tinham seis metros de calçada, opa! Aí ele teria três metros de calçadas, e a hora que ele colocasse uma árvore, qualquer copa de árvore, dava mais de um metro e que aí eles começavam a estrangular um pouco essa via; disse que o pensar isso, o pensar o planejamento, ele tinha que ser um pouco mais completo do que eles tinham no hoje; o Sr. David Hilário Neto disse que, perfeito, inclusive uma situação até que as pessoas poderiam falar, quando eles falavam do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, até para cobrarem atitudes do Poder Público,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tinham que ter essas pessoas próximas, e que era um fato que era até cômico, mas tinha uma rampa para você descer, pintada, tudo bonitinho para a faixa de pedestre, só que se chegava do outro lado da rua não tinha para subir, então o deficiente ficava parado no meio da via, porque ele não conseguia subir do outro lado na faixa de pedestre, então ele achava que eles, como Poder Público tinham de iniciar por eles, como exemplo, todos os espaços terem a mobilidade, eles sabiam que todos os prédios eram muito antigos, muito delicados de se lidar, e eles tinham de fazer o possível e o quanto antes, porque eram formas de pensar, e ele achava que nem era o custo, e que se fosse construir uma casa, para ele conseguir fazê-la acessível, bastava ele ter a visão da acessibilidade, o custo poderia mudar alguma coisa, mas não era nada exorbitante se o pensamento já partisse desde o início de que ela tinha de ser acessível, então, era muito salutar discutir tudo aquilo, ouvir as pessoas que sofriam no dia a dia, que era de grande importância, e queria conseguir resolver, para começar com os Órgãos Públicos, que pudessem atender de forma correta e atender a todos, que era único sistema para todo mundo; a seguir, o Sr. Luiz Carlos de Campos disse que eles até foram cobrados lá em uma sessão, teve a tribuna livre e o próprio prédio da Câmara, tinha escada para o pessoal e eram coisas que, às vezes, iam conversando e iam abrindo a mente das pessoas e aquilo era importante; lembrou que o Nelson da APAE falou que até o acesso para o Plenário da Câmara tinha degraus, então, uma rampa para o pessoal, ficaria mais fácil; falou ao Sr. David que seria importante passar a palavra para ele, o Antenor, que tinha ido lá em uma reunião de Comissão e ele passou por dificuldades, passava por dificuldades naquele sentido; o Sr. David disse que o Antenor tinha chegado em Jaguariúna fazia noventa dias, vindo junto com a Sky, da cidade de São José do Rio Preto, mas a cidade que ele estava morando era São Paulo, capital, e que ele ficou muito surpreso com as situações e dificuldades que ele passou, inclusive até para pegar um ônibus que ele não conseguia carteira de deficiente para não pagar o transporte que era lei, e a EMTU não facilitou e até aquele momento estavam com dificuldades, então, ia muito além de uma guia rebaixada; disse que se o senhor Antenor pudesse falar um pouquinho do que ele tinha falado para eles na última reunião, ele achava de grande importância; a seguir, fez uso da palavra o Sr. Antenor que cumprimentou a todos, dizendo que era um prazer estar novamente com todos; e comentou que o que ele passou desde quando ele chegou na cidade, foi dar uma volta com a esposa dele já indo para o centro, do bairro dele, a pé, tinha sido uma boa caminhada porque do Vargeão até o centro era muito longe e ele prestou atenção em muitas coisas que todos poderiam imaginar, e lá tinha a parte rural, mas tinham condomínios próximos, que se ele fosse sozinho, ele daria de cara com uma cerca de arame farpado ou dava de cara com uma vaca lá, e sozinho não dava, e acompanhado quando eles chegaram pelo lado do



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

centro, da Faculdade por exemplo, tinha lá várias motos paradas em cima da calçada, a esposa dele parou um pouquinho e falou para ele seguir sozinho, e ele caminhou, e era lógico que ele sabia que teria alguma coisa, e ele bateu a bengala, e se ele tivesse ido um pouco mais rápido do que era o costume dele de andar, teria feito um efeito dominó naquelas motos, e com todo o respeito, ninguém ia poder falar nada, porque uma que ele não viu, e segundo porque na calçada, logo lá onde os pedestres passavam, não era lugar de parar moto e com todo o respeito ao amigo, o cadeirante, daí eles tiveram de ir para a rua e tinham carros vindo de frente, então, era um perigo, era ruim, era errado; disse que no centro ele teve algumas situações difíceis, algumas placas que até nem estavam em lugares errados mas, foram para ele algumas surpresas que até ele se acostumar com elas, iria demorar um pouquinho, mas era possível também, e a questão da carteirinha que ele passou, quando ele foi atrás de fazer a carteirinha que, em São Paulo e na cidade dele ele tinha, e lá era uma carteirinha de acompanhante que dava o direito dela o acompanhar onde ele fosse, porque de outra forma ele não conseguia e como eles não tinham carro, não tinha moto, não tinha nada, então, ele usava as coisas que tinham na cidade, ele ia sempre sozinho quando não tinha ninguém, só que era complicado, daí na hora que ele foi fazer toda a documentação, falaram que ele não tinha o direito porque ele trabalhava, e ele era um deficiente, estava trabalhando, tinha família, estava lutando e ele achou aquilo muito ruim e ele estava lá para lutar, para ter algumas simples linhas no Decreto Municipal da carteirinha para pessoas com deficiência, terem o direito ao acompanhante e também com a possibilidade de ter um cão guia, que era uma outra possibilidade que ele estava buscando; a seguir, pediu a palavra o Sr. Leonardo Mateus, que cumprimentou a todos e dizendo que estava representando a Associação das Pessoas com Deficiência em Jaguariúna, e tocando naquele assunto do calçamento, falou que uma das questões que ele queria levantar, até queria pedir a opinião do rapaz da Sky, o Antenor, e que em Campinas, ele achava que São Paulo também, e que na maioria das avenidas tinha o piso tátil que era como se fosse um piso de alto relevo na calçada, na rua mesmo e ele achava que aquilo facilitava muito a sensibilidade de todo deficiente visual, e ele andava com frequência no centro e, realmente, não tinha aquilo, e senhor Antenor disse que não tinha e que aquilo dificultava a mobilidade e a possibilidade deles irem e vierem, e era aquilo que ele estava com todos lá presentes buscando a liberdade de ir e vir, e ele não estava conseguindo, e era muito ruim, porque em qualquer lugar que ele tivesse de ir, ele tinha de pedir ajuda, ele não conseguia ir sozinho, e sozinho era bom ele treinar a cabeça dele, a liberdade, o espaço, saber o que tinha em Jaguariúna, onde estavam as coisas, e ele não conseguia, ainda não, mas ele ia conseguir; o Sr. Leonardo Mateus disse, também, que uma outra questão que ele queria levantar era sobre



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência em Jaguariúna, se existia e se existisse, quem era a diretoria e onde a pessoa com deficiência poderia ir atrás para conseguir informações, porque muita gente não sabia do Conselho e quem sabia, não sabia nem onde ia, porque não tinha um lugar para a pessoa se informar e saber como corria atrás daquelas coisas; o Sr. Antenor disse que caso dele até mesmo pelo fato de conseguir a carteirinha que ele não sabia a quem recorrer, a quem procurar para poder obter aquele benefício que, querendo ou não, era direito dele aquele benefício, e no caso dele, era igual ao Leo na casa dele, ele tinha eles, e no caso dele ele tinha a esposa dele, e o Leo tinha eles que poderiam estar levando-o para todo lugar, de carro, já ele que dependia de ônibus, de condução, ficava mais difícil para a pessoa estar levando ou para ele mesmo; às vezes tinha de ir sozinho e como ele iria se locomover de onde ele morava, dependendo do ônibus e até sem ter a carteirinha que era um direito dele, daí o Camilo levantou várias pautas, ele não pode estar lá naquela noite, mas levantou várias pautas, e ele não sabia se ele tinha passado para o David ou não; o senhor David disse que sim; e o Sr. Antenor continuou sua fala dizendo que o Camilo passou várias pautas em benefício do cidadão com deficiência, não só os surdos, mas os visuais também, que era necessário ter, e era aquilo, às vezes eles tinham a pessoa em casa, e no caso do Leo, eles faziam tudo junto; às vezes ele precisava ir para algum lugar, e iam todos, eles que corriam atrás, e no caso da outra pessoa que não tinha ninguém, que tinha de ir sozinho, ficava mais complicado; o Sr. Romilson Nascimento Silva disse que queria pegar o gancho do Leo, porque ele achava pertinente a colocação dele, e perguntou quem estava representando a Assistência Social, porque era a Assistência Social que dava algumas coordenações naquele sentido e que seria importante ter alguém lá da Assistência; o Sr. Luiz Carlos de Campos disse que eles procuram convidar vários Órgãos para aquela reunião e ele achava que aquele era o primeiro passo que estavam dando, mas que aliás, não era o primeiro passo, como o Caio disse, as legislações que disciplinavam aquele problema; falou que convidaram o Planejamento, até foi pedido para convidar o pessoal do Trânsito também, daí o David falou que eles não receberam lá a comunicação, e eles tiveram o cuidado de estar convidando a Secretaria de Educação, porque precisavam de uma cartilha, alguma coisa, porque alguma coisa precisava ser feita para estarem melhorando aquilo e nada mais importante do que eles estarem ouvindo alguém da Assistência Social ou do Departamento de Trânsito, poderiam estar falando para eles como conseguir a carteirinha ou outros benefícios, porque como ele disse, às vezes a pessoa não sabia dos benefícios que ela tinha, e foi uma falha; o Sr. Romilson Nascimento Silva disse que ele concordava com o Bozó e ele achava que o caminho futuro e rápido era criar um canal para eles terem aqueles acesso porque, realmente,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

ele tinha razão, porque se o deficiente precisasse de informações, ele não sabia onde ir, e que achava que o caminho era a Assistência Social; o Sr. Luiz Carlos de Campos disse que tinham vários Órgãos lá da Prefeitura sendo representados, e ele tinha a certeza de que eles iriam estar passando aquela preocupação para o Prefeito também e que a Prefeitura poderia ter um Órgão, um Departamento para cuidar daquela situação, então, ele achava que deveria estar passando aquilo para o Prefeito e como foi dito na Indicação, que Jaguariúna fosse um exemplo para outras cidades da Região Metropolitana de Campinas e do Brasil, e ele achava que aquela reunião que era a primeira traria frutos; o Sr. Romilson disse que só para finalizar, não era fazendo “merchan”, mas ele estava falando com o David, ele queria lá, ele junto com outros Vereadores, estariam melhoram a acessibilidade da Câmara, tinham lá a tribuna livre, tinha um degrau enorme e ele estava assumindo aquele compromisso de antes de estar acabando a gestão dele de Presidente, ele estaria resolvendo todas as acessibilidades da Câmara Municipal, e que ele cobrava o Executivo, mas o Executivo tinha as execuções dele lá e ele, como Presidente, podendo executar, ele estava assumindo o compromisso de estar facilitando o acesso na Câmara Municipal; o Sr. David Hilário Neto disse que aquilo já era uma grande vitória para iniciar, e se toda as reuniões conseguissem um prédio, ele achava que iriam marcar reunião semanal, e que só uma informação, por questão de curiosidade, disse que no ano passado ele achava que o cadastro tinha sido mais de mil e duzentas pessoas com deficiência em Jaguariúna, era uma média de cento e vinte auditivos, cento e catorze visual e quinhentas e sessenta com deficiência física e a Lú poderia falar melhor do que ele, que cada dia que passava, mais crianças, mais famílias chegavam em Jaguariúna com muitas pessoas com deficiência, inclusive crianças, porque Jaguariúna por todas as falhas e problemas naquele setor, eles sabiam que era uma referência, na Saúde, na Educação, e em todos os outros setores, então, as pessoas buscavam Jaguariúna e aquilo iria ampliar, cada vez mais, e ele achava que aquela visão ia ser de grande importância; a seguir, o Sr. Rodrigo da Silva Blanco disse que ele queria fazer uma colocação, registrar a presença da intérprete Leia Escatena e aproveitar os representantes do Executivo, pendido desculpas, disse que, às vezes, ele transitavam pelas ruas e não tinha a sensibilidade de ver, como o Antenor colocou um ponto da FAJ, as motos na calçada, o Leo colocou alguma coisa sobra a procura de fazer a carteirinha, aquilo era informações que estavam levando para eles e que eles precisavam trabalhar sobre aquilo, e precisam das informações, e perguntou se tinha mais alguém, que ele não sabia, como iria expressar aquilo para eles, os deficientes de audição, mas para aproveitar os representantes do Executivo que estavam na Casa, perguntou se tinha algum ponto crítico na cidade, ou na área central, ou na área mais regional, que precisava ser feito com urgência,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

porque eles precisavam passar para eles, porque eles estavam falando de modo geral, de uma forma futura, mas deveriam saber se tinha algum ponto crítico, já tinha o Sargento Renato, que já fazia parte da Guarda, de estar agindo sobre aquilo, o Leo fazia parte da Assistência Social, eles tinham de procurar, e se tivessem mais algum ponto crítico, para eles levarem para o Executivo, para estarem agilizando o caso, e sanando o problema de imediato; o Sr. David Hilário Neto disse que ele achava que a fiscalização também poderia estar presente porque tinham leis que já existiam que não eram cumpridas, e que talvez fosse falta de efetivo ou uma visão diferenciada para aquilo; disse que o Bozó sempre falava que parar em cima da calçada era um absurdo, e que toda vez que ele chegava na casa dele, ele via um carro em cima da calçada, e para educar a casa dele ele levou três meses, mas educou, porque as pessoas moravam há vinte anos em Jaguariúna e quando era esquina, embicava o carro na calçada, então virava uma rotina, então, aquilo a escola era primordial, e ele cobrou a família dele três meses, mas se tinha uma criança que todos os dias falava em casa para o pai que não poderia parar em cima da calçada, a Educação era fundamental em tudo aquilo, e ele achava que poderiam fazer algumas anotações, convocar a fiscalização em uma próxima reunião, e ele achava que antes de saírem multando, deveriam ter um trabalho de conscientização, e que o CONSEG estava presente na Casa e fez um trabalho de conscientização cerol, saiu com faixas na cidade, então porque não fazer uma campanha? Ter uma equipe que fizesse aquilo, seria melhor antes de sair multando, porque a intenção não era gerar multa para ninguém, e sim conscientizar as pessoas de que poderia ser um deficiente, e porque não pegar a Associação de pessoas com deficiência que existia na cidade e com ela fazer aquelas visitas nas casas, porque o cidadão vendo, sentindo na pele, ele poderia compreender e conscientizar as pessoas em volta; disse que ele achava que o Conselho de Engenharia também poderia fazer bastante para eles; a seguir, fez uso da palavra o Sr. Pedro Eduardo Marchesini, que cumprimentou a todos e disse que ele nasceu e foi criado em Jaguariúna, então, ele conhecia bem aquilo; disse que o CREA, que era o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, tinha uma cartilha e ele achava que eles tinham de começar, ele até lembrou do tempo de criança, quando eles estudavam no Coronel Amâncio Bueno, eles entravam, eram perfilados e cantavam o hino Nacional ou até o Hino de Jaguariúna, e a filha dele tinha catorze anos, e se perguntassem para ela se ela sabia o Hino de Jaguariúna, ela não sabia, ela leu alguma coisa mas não sabia cantar até o final, então, ele chamava um pouco de Educação, e que tinham duas educações, uma que era a de berço e outra que era a cultura que se adquiria; falou que a Escola com uma cartilha daquela era o caminho, e que em dois mil e dez tinham vinte e três ponto nove por cento da população que tinha alguma limitação e que ele não ia chamar de deficiência, porque ele não



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

considerava deficiência, e que era uma necessidade como falava de ter uma oportunidade igual para todos, então, a acessibilidade para ele, ele falava que era uma oportunidade especial de todo mundo ter um direito, aquilo era importante, as oportunidades iguais; falou que o Antenor que tinha chegado há pouco tempo, ele era um lutador e um vencedor, mas porque eles teriam barreiras que impedissem dele ter a liberdade de ir e vir, aquilo era importante; falou que ele tinha uma limitação, para ele precisava de óculos e tinha um problema na coluna, e que a hora que ele completasse sessenta anos, ele estava com cinquenta e sete, ele ia ter a lei do isso, mas ele tinha uma lição de cultura, como por exemplo a Europa, o próprio EUA, o pessoal estacionava, chegava para trabalhar na empresa e ele trabalhou na 3M por vinte e sete anos, e tinha o estacionamento para todos os carros, mas ele chegava mais cedo, estacionava mais longe e ia a pé, porque ele estava dando oportunidade para alguém que, por uma eventualidade qualquer, ele pararia na porta da entrada da empresa, e eles estacionavam todos os carros de ré, para sair de frente, e que, atualmente, era o maior índice de acidentes em condomínios, então aquela cartilha era muito importante; disse que aquela lei era de dois mil e quinze e quando se emitia um RT atualmente, os engenheiros eram os responsáveis, quando emitiam aquela anotação de responsabilidade técnica para fazer qualquer coisa, não só o engenheiro civil, mas o mecânico, o agrônomo, mas ele iria responder se fosse uma obra, se tinha de tratar a acessibilidade, então, em Jaguariúna, eles precisavam que as Secretarias fossem integradas e conversassem; disse que o centro estava bonito, estava pintado, com rampas para acessibilidade para cadeirantes, só que no término da rampa não conseguiam andar, a calçada foi embora, tinham placas levantadas, ele até perguntou se ia ter o pessoal da Secretaria de Trânsito, e estavam pintando, e iam ter melhorias, só que as melhorias ainda estavam aquém, e questionou se existia acessibilidade para o portador de deficiência visual, o cadeirante, ou quem tinha alguma prótese que precisava estar andando; o Ministério Público cobrou a Associação dos Engenheiros, e eles estavam adequando guias rebaixadas, acessibilidade para cadeirante, a rampa para acesso, porque ele sabia que a população estava envelhecendo, o pai dele estava com oitenta e um anos, e se ele chegasse aos setenta estava bom; falou que em Jaguariúna o índice estava em setenta e seis, setenta e sete anos, e que era um índice alto, então, a população estaria envelhecendo e eles precisavam dar aquelas condições, já perderam muito tempo e que a integração de todas as Secretarias, iam conseguir alguma coisa, e que no início do ano, o Prefeito Gustavo Reis trouxe o Secretário de Turismo do Estado de São Paulo, e ele falou que Jaguariúna era a cidade turística, potencial turístico, e quem estaria visitando normalmente seriam pessoas que iria conhecer a história, crianças, a pessoa da faixa etária de dezoito a quarenta anos, mas a grande maioria seria a pessoa de sessenta, setenta



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

até oitenta anos, e que ele estava assistindo uma missa de cem anos, estava ativo e estava lá a família toda reunida, netos, bisnetos, tataranetos, em uma missa para ele, então, ele achou fantástico chegar naquela condição e andando, falando, respondendo, era impressionante, e falaram que quem iria chegar a cento e vinte anos já estava no meio deles, então, tinham de se preocupar tanto da boa idade, que ele não ia falar da terceira idade, mas como a acessibilidade de quem queria uma igualdade de acessibilidade, e ele achava aquilo importante; a seguir, fez uso da palavra uma cidadã que disse que uma coisa que eles batiam muito era se um surdo passasse mal na rua, como ele iria chamar socorro, porque tinha um aplicativo da Prefeitura de Campinas e que era muito importante para eles, então, tinha de ter um aplicativo, um intérprete para eles poderem se comunicar, porque era uma preocupação que eles tinham, porque, atualmente, os surdos eram muito independentes, e o filho dela tinha vinte e seis anos e fazia tudo sozinho, viajava, dirigia, fazia tudo sozinho; o Sr. David Hilário Neto disse que aquele aplicativo poderia até ser mais abrangente, até para outras informações do Sistema Público poder ser direcionado para eles e o custo daquilo com o Cartão Cidadão, com sistema todo que já existia integrado da Prefeitura, ele era muito em conta para o Município, então, ele achava que a Secretaria de Governo poderia levar uma reivindicação daquela, para ser pontual aquela reivindicação; um cidadão, perguntou o que seria melhor, a rampa, ou fazer aquela lombada no nível da calçada, a travessia no nível da calçada, a faixa de pedestre elevada, igual algumas cidades estavam implantando; o Sr. Caio Duarte Bacarelli de Campos Souza disse que era uma questão do Código Nacional de Trânsito, em alguns locais não eram permitidos, chamava-se lomboa faixa, em algumas situações ela não era permitida, tinha muito a ver com a inclinação da via, com o tráfego, com a quantidade de veículos por minuto que passavam pela via, então, não eram em todos os locais que era possível implantar a lomboa faixa; disse que tinham exemplo muito claro e que era a mesma situação que acontecia com as lombadas, que era fácil falar “coloca uma lombada aqui, coloca uma lombada ali”, mas o Código de Trânsito tinha uma série de restrições que dizia se era permitido, legalmente, pela legislação ou não, colocar aquela lombada e era a mesma situação que acontecia com as lomboa faixas, que existiam casos que eram possíveis de ser implantadas, e existiam situações que era a grande maioria deles, que não era possível, e no centro da cidade já era uma situação que a quantidade de veículos por hora não era permitido, e que Holambra também, então, era uma situação, se perguntassem quem cobrava aquilo, ele não ia saber dizer quem ia cobrar mas, ele poderia levar para todos o Código de Trânsito, que ia iria justificar aquilo que ele estava falando; a seguir, o Sr. Rodrigo da Silva Blanco, disse que ele queria registrar a presença da Francinete Lucila das Chaves, convidada do Camilo, e da acompanhante Ana Cléia e ela também queria



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

fazer um registro para sinalizar algum problema lá também; a seguir, fez uso da palavra a senhora Francinete Lucila das Chaves, que cumprimentou a todos, dizendo que desde dois mil e treze quando ela chegou em Jaguariúna, ela encontrou algumas rejeições e o local que ela foi mais um pouco, não bem vinda, foi na questão do Banco, que aconteceu um acidente com ela e os seguranças não gostavam de abrir a porta, quase havendo uma discussão, e eles a encontraram, e ela sempre andava sozinha, e ela achava que eles imaginavam que por ela ser deficiente, porque algumas pessoas achavam que o deficiente tinha de estar chorando, ou morrendo lá para dizer que estava sentindo alguma coisa, então, quando ela chegou na porta, ela foi tentar entrar sozinha ela ficou presa, machucou, quebrou o dedo, na Caixa Econômica, daí ela ficou com medo de entrar sozinha; a Sra. Ana Cléa disse que todas as vezes que ela chegava no banco, ela referiu-se direto ao Banco do Bradesco, eles não gostavam de abrir a porta, tinha que ficar pedindo, exigindo, tinha que contar uma história para que eles abrissem a porta para que ela pudesse entrar para receber o benefício dela; já tinham colocado algumas vezes que ela não precisava nem ir e que outra pessoa poderia mas, ela achava que aquilo estava tirando o direito dela, o direito de ir e buscar o que ela tinha direito; sobre a questão da carteirinha, quando ela tirou a carteirinha e foi para Campinas, o motorista disse que estava vencida, então, ela tinha que pagar ou tinha que descer, daí tinha demorado bastante e ela foi tentar procurar fazer a carteirinha, e exigiram muita coisa, teve que ir em Pedreira, Campinas, então houve um “joguete” com se ela fosse uma bola, jogando de um lado para outro, então, aquilo tinha sido uma falta de respeito com a pessoa dela, ela achava que sim, não sabia, ela estava colocando lá; uma outra colocação, também, foi dentro de Jaguariúna porque ela fazia parte do Teatro Musical e ela achava que tinha direito, todos eles que tinham a sensibilidade, tinham direitos de diversões, direito de lazer, direitos, eram cidadãos e pagavam impostos, então, não houve aquela questão que a Secretaria de Cultura divulgava que trabalhava com pessoas que tinham a sensibilidade, o que tinha acontecido, tinham professores que tiveram vergonha de lidar com ela, então, ela gostaria de colocar, ela não sabia quantas pessoas tinham lá e até pedia desculpas se estava falando algo, mas, aquilo era uma coisa muito importante para eles que eram deficientes, eram três itens que ela tinha colocado e, que, se um dia tivesse a oportunidade, iria colocar para todo mundo porque era muito chato para ela chegar, de repente, para assistir alguma coisa como já havia acontecido com ela e alguém dizer para a Ana Cléa, “ah ela é cega”, aquilo era chato para ela, não sabia se porque era negra, também, ela não sabia, mas que tinha sentido muito e que tinha chegado até chorar e a família dela disse que iria tirar ela de tudo e ela não queria sair dos eventos, não queria ficar sem participar porque ela achava que tinha o direito, era cidadã, pagava os impostos dela, votava,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

então, se o voto dela era importante porque os direitos dela não era; era aquilo que ela queria falar, agradeceu; naquele momento usou a palavra o Sr. Júnior, desejando boa noite e que tinha pegado do Léo e não tinha falado boa noite e não tinha nem se apresentado, desejou boa noite e se apresentou dizendo que seu nome era Júnior, o Léo era o primo dele de sangue, mas era irmão adotivo, a mãe dele havia adotado com onze anos de idade e ele veio morar com eles em Jaguariúna; disse que ele só queria dar continuidade ao que a Ana havia acabado de falar do que havia acontecido com ela no Bradesco, tinha acontecido com o Léo no Banco do Brasil, também, quando ele foi abrir a conta dele, quando eles foram abrir a conta dele no caso para ele entrar na Stefanini, porque o Léo trabalhava no grupo Stefanini e eles foram entrar e na hora que ele foi entrar com os papéis do Léo, o segurança impediu ele de entrar, deixando só o Léo entrar primeiro, no caso, e depois chamou o Gerente falando que ele não poderia entrar, ele perguntou como não poderia entrar se o Léo era deficiente visual e ele tinha que acompanhar ele, fizeram ele voltar e perguntaram o que ele tinha na pasta e disse que tinha toda a documentação que eles pediram, necessária para estar abrindo a conta dele; eles disseram que ele não poderia estar entrando com aquela pasta daí ele falou: e agora o Léo estava lá dentro e ele lá fora, daí ele pediu para o segurança fazer o favor de conduzi-lo até a cadeira, deixando num lugar confortável e tudo, enquanto iria guardar a documentação e entrar e que anotasse o que poderia trazer e ele iria trazer na mão já que estavam impedindo eles de entrarem para abrir a conta para ele, foi aquilo que tinha acontecido; foi um transtorno muito grande que tinham passado, todo mundo vendo impedindo de entrarem no banco, no caso para ele abrir a conta, fora aquilo tinha acontecido vários outros com ele com, a mãe dele, eles juntos para estarem abrindo a PDJA; quando foram no cartório ele o Camilo e o Léo, passaram por um constrangimento com o cara do lado, viram que ele estava assinando, ficaram seis meses treinando porque precisou aprender a assinar o nome dele porque se não assinasse, não tinha como dar entrada em toda a documentação porque precisava da assinatura dele, ficaram seis meses treinando a assinatura dele para aprender a assinar para poder abrir a PDJA, no caso, a Associação e quando fizeram aquilo e no dia que estavam com toda a documentação e tudo, tinha um senhor ao lado deles, estava ele, Camilo e o Léo que estava assinando tudo, daí o senhor chegou para ele e falou assim, melhor dizendo, chegou para a pessoa e disse para tomar cuidado porque tinha muito pilantra por aí, como ele era cego, chamaram ele e o Camilo de pilantra, achando que estavam aproveitando dele, no caso da deficiência ou então estava lá para algum documento, alguma coisa, porque era no cartório, daí ele disse ao senhor que não tinha nenhum pilantra e que ele era irmão dele e que o Camilo estava lá representando uma Associação e que eles estavam lá abrindo uma Associação e que iria ser representante daquela



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Associação; então, eram vários tipos de constrangimentos que as pessoas com deficiências passavam e só as pessoas que conviviam dia a dia sabiam daquilo, sentiam na pele todos os dias o que uma pessoa com deficiência passava por isso que eles teriam que estar mostrando para outras pessoas que não era daquela forma, as pessoas com deficiência era igual a ela, tinha o direito de se divertir, tinha o direito de ir aos lugares e tudo e curtir, por exemplo, o Léo era DJ profissional, já tinha tocado com o Alok, já fizeram vários eventos, tinham eventos que fizeram uma abertura na RED, tocaram duas vezes no Rodeio; disse ainda que uma coisa que estava acontecendo, no caso da Secretaria de Cultura era que daria mais oportunidade para os artistas da cidade, no caso de Jaguariúna, foi pedido todo um “play list” de documentos, no caso de apresentação onde o Léo já tinha feito, toda a documentação com foto, as coisas todas, levaram e entregaram tudo lá, já fazia um ano aquilo que tinha sido pedido e até o momento não tinham dado uma resposta ainda, tinham vários eventos acontecendo na Cidade como o aniversário da Cidade e várias outras coisas e nunca chamaram o Léo para se apresentar ou até mesmo como convidado e tudo; ele achava que deveria dar mais oportunidade como foi falado que seria dada oportunidade para os artistas da Cidade, aquilo não estava acontecendo de fato, uma oportunidade, não era só para o Léo, tinham vários amigos deles como o Rick e o Rodrigo que era a dupla que eles deviam conhecer que eram de Jaguariúna, eles não conseguiam tocar em evento nenhum que tinha na Cidade, eles não conseguiam tocar, tanto era que eles faziam uma festa paralela, direto faziam festa paralela e que iria acontecer uma, dia dezenove que o Léo iria tocar e se apresentar, no caso eles corriam por fora, porque querendo ou não, eles esperavam a oportunidade da Cidade, como tinha sido prometido e até o momento, aguardavam aquela oportunidade no caso dos eventos que aconteciam na Cidade; fez uso da palavra outro cidadão dizendo que um amigo deles o Bruno, o Bruno Barelli que era cantor também, e para conseguir se apresentar ele teve que ir embora da Cidade e ir para Alagoas por não ter tido oportunidade aqui; a seguir, fez uso da palavra o Vereador David Hilário Neto dizendo que faria um convite rápido, porque no dia seguinte haveria uma reunião com vários bancos e o Sindicato do Bancos, se ele não estivesse enganado, na Câmara Municipal, às dezoito e trinta e que aquele assunto poderia ser discutido naquele dia, se quisessem estar presentes estavam convidados, era aberto a toda população e com aquela questão já conseguiriam ter uma posição mais clara de todos os bancos, era um fato específico, mas já poderia ter uma solução no dia seguinte mesmo com a posição do Sindicato dos Bancos lá presente, era de grande importância, seria a partir das dezoito e trinta; disse, ainda, que gostaria de tirar uma dúvida e perguntou qual era a possibilidade de incluir no currículo, não sabia qual série, ele achava que teria que ser mesmo um estudo da Educação,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

uma aula de mobilidade urbana, que fosse uma vez por semana, por uma série específica que todo mundo que passasse pelo quinto ano, por exemplo, teria uma aula de mobilidade urbana naquele ano, ele não sabia se aquilo era possível ou não a criação.....houve manifestação fora do microfone...sem áudio; fez uso da palavra uma cidadã dizendo que quando ofereciam um apoio para uma criança numa unidade escolar, tinha que oferecer mais que aquilo, o ambiente limitava muitas questões que já foram citadas lá, então não era só falar do respeito ao próximo que seria um outro passo, era conversar um pouco sobre outras questões, simples, mas que faria toda a diferença; a mãe ia deixar o filho na escola e parava na vaga do deficiente, porque “era rapidinho, muito rápido”, a pessoa não se colocava no lugar do outro, então, talvez aquele trabalho com respeito ao próximo de todas as estâncias seria primordial e que precisariam pensar, desde o infantil naquelas questões e ir trabalhando com elas para que pudesse ter uma mudança na consciência, “os velhos”, eles que estavam lá, era difícil mudar, precisava melhorar e conscientizar os pequenos, na verdade educar para transformar; usou novamente a palavra o Vereador David Hilário Neto dizendo que ele lembrava bem, quando fazia visita nos campos, dava uma volta nos bairros e achava aqueles problemas e pontuava, marcava muito mais do que dentro da sala de aula, se levar as crianças e dar uma volta dentro do bairro e achar, pontualmente, aquelas falhas que todo bairro tinha em volta de uma escola, principalmente; fez uso da palavra, novamente, o Sr. Pedro Eduardo Marchesini dizendo que aquilo que o Davi havia falado era importante num sentido porque ele tinha uma filha de catorze anos, ele parava sempre longe e esperava, o pessoal parava na faixa de pedestre, em cima, e abria a porta para o filho entrar e travava todo mundo; aquilo, ele achava que o pessoal antigo tinha que ser, como foi falado, as Secretarias teriam que estar unidas, conversando todos porque pelo que viam estavam faltando duas ou três, aquilo iria demandar, um esforço de reunir, tinha o Planejamento, tinha o Caio, tinha o pessoal de segurança, ele não sabia se tinha da Educação, de Governo, aquilo era importante por quê? Ele não admitia, o pessoal já era “velho” e não iria aprender, aquela frase que falava, burro velho não aprendia, já era, o pessoal que era de fora do País tinha aprendido de que forma, pesando no bolso em alguma época, aqui não pesava, dava um jeitinho, o que foi falado anteriormente incomodava muito ele, “era um minutinho só” e parava na faixa de cadeirantes; eles poderiam começar uma campanha, ele achava que era na Rádio, dizendo que iriam começar aquele trabalho porque Jaguariúna era uma cidade que iria ser turística e ele achava que tinha de tudo para aquilo, só que as calçadas, a acessibilidade, o direito de ir e vir, a igualdade precisava começar naquele momento, então as Secretarias precisavam conversar, cada uma dentro da pasta dela, mas sabendo o que a outra estava fazendo; o que ele havia citado, o Departamento de Trânsito pintou faixas fantásticas de



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

cadeirante, mas daí não iria conseguir andar, ia barrar em alguma coisa, era impressionante; ele achava que tinha que sair aquilo em ata, ele achava que não sabiam se teriam interesse de vir e conversar com os representantes de bancos, ele achava que poderia sair uma ata daquilo e que ela poderia ser lida, porque o que foi falado pelo cidadão e pela cidadã tinha deixado ele...bom, ele já não entrava em banco, fisicamente, ele fazia tudo eletronicamente, por quê? Com ele já tinha acontecido, às vezes uma moeda, tinha que tirar relógio, tirar tudo e eles eram pessoas comuns e quem estava lá assaltando não iria entrar daquela maneira, então constrangia, ele já não ia mais em banco, ele fazia pela "internet banking" porque ele não conseguia mais, o que ela falou já tinha acontecido com ele porque acabava tendo aquela barreira, a pessoa estava entrando e travava, o cara do lado, ele achava que tinha um sensor que travava, daí voltava, esquecia uma moeda no bolso, então eram coisas que, realmente, constrangiam mas, se aquela ata saísse e fosse apresentada no dia seguinte na Comissão, ele achava que era importante, o depoimento dos dois tinha deixado ele triste e estarecido, eles tinham que conversar, a Associação dos Engenheiros estava à disposição, foi criada já havia dezoito anos, tinha o pessoal, o trabalho era honorífico, ninguém ganhava nada por aquilo, mas todo mundo, a Daiane que estava lá, o professor engenheiro Eduardo era um dos que...ele havia passado a convocação para ele mas, por motivos que foi lido, ele teve um outro imprevisto, ele estava com outro engenheiro dando uma palestra na FAJ, também, então, eles estavam fazendo aquela integração e ele tinha assumido aquele ano a presidência da Associação, mas já estava há dezoito anos e estavam conseguindo, tendo as comissões, já conversaram com a Secretaria de Planejamento, estiveram com o Caio, estavam mediando alguma coisa, por exemplo, o profissional estava com algum problema e estavam conversando e estavam chegando a algum consenso muito bom, eles estavam lá, se precisassem, estavam abertos, a cartilha ele poderia estar deixando lá, era uma cartilha básica que dizia tudo; eles estavam na Associação se adequando, estava noventa por cento, ele não diria cem por cento, mas já estavam honrando com a sensibilidade, estava tudo certinho mas, faltava ainda dez por cento para estar com aquilo, porque era muito difícil mas estavam vendo porque casa de ferreiro o espeto era de pau, graças a Deus, em um ano e meio e dois anos já conseguiram ficar em noventa por cento; a seguir, usou a palavra o Vereador David Hilário Neto dizendo que iria pegar a ata depois e colocar em tópicos e depois viria como iria distribuir as funções e encaminhar para as respectivas secretarias, perguntando ao Presidente se ele concordava, porque daquela forma seria muito mais prático e dinâmico; disse ainda que tinha sido muito bom para todo mundo se conhecer naquele dia e poder entender que era um problema, realmente, que a Cidade passava e que precisava da união de todos e não era de uma única



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

secretaria, de um único departamento ou só do Vereador, mas uma união das pessoas com deficiências, dos Vereadores, do Município e toda a população, então da melhor forma possível ele tinha chegado num consenso; disse, ainda, se o Caio pudesse orientar a legislação que já existia até que pudesse ter uma fiscalização e pedir para que fosse cobrado daquela forma, o que ele sugeria, como ele estava no meio do Planejamento, sabia muito bem o que precisava, como estava aquele caminho e que leis eles poderiam tomar de imediato para poder sanar alguns problemas; a seguir, fez uso da palavra o Vereador Walter Luís Tozzi de Camargo, desejando boa noite a todos dizendo que era um imenso prazer, como Vereador daquela Casa receber a todos para discutir um assunto tão importante, lá não estavam discutindo somente a acessibilidade, estavam discutindo cidadania, o espaço que cada um teria que ter na sociedade para poder reivindicar os direitos e lutar por eles, aquela Casa era a representação do povo e por estarem dentro de uma Câmara Municipal era o local mais adequado para aquele tipo de discussão porque iriam ouvir as ideias, ouvir as reclamações e tinham que dar encaminhamento a tudo aquilo para os órgãos competentes e para as pessoas competentes; o relato que todos lá passaram deixavam eles entristecidos porque uma sociedade, infelizmente, não tinha aquela visão ainda de inclusão, não tinha aquela visão de respeito ao outro e que aquele respeito passava por todos os níveis, passava desde uma instituição pública, privada ou até mesmo uma outra pessoa que, às vezes, não enxergava a necessidade, ele como advogado queria deixar uma sugestão a todos que indiretamente estavam envolvidos com aquilo, quando estavam numa situação onde o direito estava sendo tirado, não estava sendo permitido exercendo o papel, tinha órgãos que poderiam fazer aquilo para as pessoas, que tinha a obrigação de fazer aquilo, primeiramente, aquela Casa era uma representação daquilo, o Ordem dos Advogados do Brasil também era um outro mecanismo importante que tinha que recorrer quando sentissem que estavam perdendo o espaço e as oportunidades; o Ministério Público era outro órgão que também fazia aquele papel e, através de ações ele também poderia provocar o Poder Legislativo, Executivo e até o Poder Judiciário para que as medidas fossem tomadas; a Educação, ele acreditava muito nela como agente transformador, a colocação, disse ele ao Davi, em inserir aquilo dentro de uma rede municipal até mesmo dentro da Educação de um Município seja privada ou pública, era importante trabalhar com termos transversais aonde a discussão dentro da comunidade escolar iria para dentro de casa e indo para dentro da casa iria mudar alguma coisa ou iria questionar, pelo menos, e daí conseguiria aumentar pessoas conscientes ou buscando informações sobre o assunto, era o primeiro passo; por fim, ele só queria fazer um relato diante de tantos que já foram ouvidos, ele foi procurado há algum tempo atrás pelo pai da Luciana, o Pedro, sobre um problema que eles encontram lá no hospital, as



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

placas das calçadas estavam todas irregulares por causa das árvores de grande porte, danificaram aquela região e a pior situação encontrada acontecia na porta de internação do Hospital, então as pessoas saíam de maca ou entravam de maca ou muitas vezes saíam de cadeira de rodas ou com dificuldade de mobilidade e se deparavam com aquela situação e, então, eles movimentaram a Secretaria de Obras para terem uma alternativa para reparar o problema que ali estava em conjunto com a Secretaria de Planejamento e que havia um estudo que estava sendo elaborado porque, além do problema da placa, acumulava água da chuva, daí as ambulâncias não conseguiam descer os pacientes na porta da entrada porque a água estava toda acumulada lá; então, todo um trabalho estava sendo feito em conjunto com as Secretarias e ele achava fantástico, tinha que ser daquela forma, eles não eram ilhas, eram um conjunto e o corpo do Executivo passava por vários caminhos, então, aquele trabalho tinha chamado muito atenção e que, às vezes, passava despercebido por qualquer um deles andar por lá, mas para quem tinha deficiência, quem tinha dificuldade aquilo era muito forte, muito incômodo era para imaginar uma pessoa com problema de saúde se deparando com aquilo; o exemplo que foi dado, o relato de muitos, o relato...naquele momento ele pediu desculpa por que esqueceu o nome da moça que tinha dado o relato do banco...naquele momento, ele disse Francinete, o relato dela era emocionante porque viram, realmente, o descaso e o desrespeito que eles sofriam todos os dias nas coisas mais simples que eles viam e viviam no cotidiano; então aquele conjunto de ações daquele tipo de discussão era muito saudável, ele achava que seria a primeira de muitas que poderiam vir até aquela Casa e ir aumentando, chamando outros órgãos, chamando mais pessoas para aquela conversa e só assim conseguir mudar a sociedade e transformar; era para contar com eles, os Vereadores daquela Casa estavam comprometidos com aquilo, tinham aquele compromisso social muito forte, lá foram discutidos vários assuntos, o espaço das reuniões de Comissões de quartas-feiras era um espaço aberto, se quisessem trazer alguma sugestão, alguma situação para estarem discutindo lá, estaria sempre aberta aquela Casa; agradeceu a todos pela presença e parabenizou pela iniciativa de terem aquele encontro; fez uso da palavra uma cidadã dizendo que vinha de encontro ao pedido dele, era a tecnologia assistiva, era um centro reconhecido já nacionalmente, internacionalmente e eles convidaram os presentes para fazerem uma visita para estar conhecendo tudo que tinham feito em relação ao uso do celular e facilitando o trabalho, então era assim, ela iria trazer num próximo encontro o nome da pessoa que tinha se prontificado a receber e desenvolver um projeto também que, de repente, vinha de encontro, a tecnologia estava lá e precisava utilizá-la da melhor forma possível, então ela ficava com aquele compromisso com eles... naquele momento, houve manifestação na Assembleia fora do



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

microfone; fez uso da palavra o Sr. Leonardo Mateus dizendo que aquele instituto que ela estava falando era o CPQD ele conhecia o trabalho deles até porque trabalhava com tecnologia, também lá no grupo Stefanini com desenvolvimento de software e aquela tecnologia assistiva, pelo menos para quem era deficiente visual estava muito avançada pelo talkback que era um aplicativo que todos os smartphome, android tinham, cada um com uma versão diferente e aquele aplicativo lia e descrevia tudo que aparecia, tudo que tocava na tela, então whatsapp, facebook e tudo, ele usava de boa, diariamente, e área que ela trabalhava, um dos programas que ele desenvolvia, um dos projetos que ele fazia era um sistema de acessibilidade para um cara chamado Yuri, lá de Recife, ele era diretor de TI de um empresa chamada CHESF - Companhia Hidroelétrica do Rio São Francisco do Governo Federal, ele desenvolvia toda a acessibilidade para ser usado aquele sistema, então, aquela parte de tecnologia assistiva estava muito em alta e estava sendo muito desenvolvida e uma das ações que o CPQD tinha feito também, foi a questão de celular para idosos, fizeram um celular com uma tela iguais aos deles, mas com botões grandes para o idoso poder mexer, para facilitar o idoso mexer e que estava totalmente em alta a tecnologia assistiva também; fez uso da palavra o Vereador Rodrigo da Silva Blanco dizendo que aquela reunião foi bastante produtiva para passar as informações para os órgãos do Executivo e gostaria de deixar registrado, também, que a Gestão passada, disse ao David, que ele tinha pegado um projeto de cartão cidadão do deficiente e que aquilo já existia em Campinas, ele tentou colocar através da Câmara, via Executivo mas, às vezes, ele não sabia se eles sabiam, mas todo projeto que saía da Câmara e ia para o Executivo não poderia onerar, gerar custo para o Executivo, então, na realidade, ele não tinha conseguido mandar, ele se lembrava que tinha mandado como requerimento, indicação, alguma coisa, então, ele queria unir forças com todos porque aquele projeto estava parado, via Câmara e Executivo e como eles não conseguiam colocar poderia fazer em forma de requerimento, todo mundo junto, daria uma forma de pressionar o Executivo, o apoio do Executivo para estar fazendo para as pessoas como o Léo, ficar passando aquele desgaste no banco porque tinha muita deficiência que, além do visual que era a audição, tinha deficiente que tinha problema que não enxergava, uma pessoa normal mas, às vezes, tinha um braço que não funcionava e até passar o que tinha a um guarda de hospital, banco, ficava com aquela frustração como a moça tinha ficado, passado nos eventos, então, ficava aquela desconfiança, ele não sabia se porque o mundo estava muito perdido, porque como foi falado tinha muitas pessoas maldosas que aproveitavam das pessoas para tentar roubar isso ou aquilo e as pessoas que tinham, realmente, o problema, acabavam passando por aquilo; então, aquele projeto de cartão cidadão para deficiente já existia em Campinas e que eles poderiam trazer,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

ele pegou como exemplo e tentou colocar mas não tinha conseguido porque tinha a questão de gerar custos para o Executivo, então, eles tinham que reunir forças e estar brigando por aquilo também e estaria registrado em ata aquela reunião e que estariam passando para outros órgãos, para outras secretarias competentes que não estavam lá, com certeza aquilo já tinha sido um avanço; agradeceu a todos e disse que voltariam em seguida e que iriam reunir com os Vereadores e que voltariam em seguida para discutirem mais alguns pontos que precisasse e tomara que dali até uma próxima já tivessem dado um passo nas reivindicações deles; a seguir, fez uso da palavra o Vereador David Hilário Neto dizendo que tinham acabado de perguntar, lá porque era uma dúvida deles, se existia cota para deficientes no concurso público, ele não tinha aquela informação, ele não sabia se alguém poderia informar, ele ficou sabendo que o edital sairia no próximo sábado, se ele não estivesse enganado, sairia no próximo sábado e que iriam tirar aquela dúvida, mas não sabiam se a legislação exigia aquilo ou não; naquele momento o Vereador Rodrigo da Silva Blanco pediu a senhora Adriana que ela poderia levantar e se não tivesse a resposta naquele momento eles poderiam estar....; naquele momento houve manifestação na Assembleia fora do microfone...sem áudio; naquele momento, o Vereador David Hilário Neto agradeceu o “Magrão” que tinha atendido prontamente, marcando aquela reunião sem esforços nenhum e ele tinha certeza e o Zé que fazia parte da Comissão e agradeceu a todos que estavam presentes lá que seria de suma importância para a Cidade a união de todos para um bem único; o Vereador Rodrigo da Silva Blanco agradeceu a todos e o Vereador David Hilário Neto perguntou se alguém mais queria fazer uma colocação, não havendo foi encerrada a reunião. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme, vai devidamente assinada pela Comissão Permanente de Meio Ambiente, Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo:

Vereador Rodrigo da Silva Blanco
Presidente

Vereador Cristiano José Cecon
Vice-Presidente

Vereador José Muniz
Secretário